

# A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

REDACTOR :

Ignacio M. Azevedo do Amaral

Redacção e Administração

Rua 7 de Setembro, 51 (1.º andar)

Telephone Norte 7389

GERENTE :

George Sumner

Typ. SANTA HELENA

Rua da Alfandega, 214

Telephone Norte 1298

|                                                  |         |
|--------------------------------------------------|---------|
| Assignatura annual, na Capital Federal . . . . . | 9\$000  |
| Assignatura annual, nos Estados . . . . .        | 10\$000 |
| Numero avulso . . . . .                          | 1\$000  |

ANNO III

Rio de Janeiro, Julho de 1925

NUM. 28

## ARNALDO BARRETO

Já ia adeantada a composição do presente numero desta revista quando fomos surpreendidos pela infausta noticia da morte de Arnaldo Barreto, que assiduamente collaborou nas paginas da «A Escola», desde o seu primeiro numero e até que seus afazeres o obrigaram a se retirar para a capital do estado de São Paulo, onde, ultimamente, exercia o cargo de Director da Escola Normal

A morte de Arnaldo Barreto não representa, para nós, simplesmente o desaparecimento de um companheiro bonissimo, que a todos sabia captivar pelas altas qualidades de seu coração e de seu espirito, de um dos nossos mais esforçados cooperadores da primeira hora, quando o successo ainda não coroara os nossos labores na empresa a que nos propuzemos.

«A Escola» se enluta tambem pela grande perda que acaba de soffrer o professorado brasileiro onde Arnaldo Barreto conquistara uma inconfundivel posição de notavel destaque.

O morto de hontem soube, com effeito, elevar-se, pelo seu valor e pelo seu esforço, num raro exemplo de quanto pode o verdadeiro merito, até os mais altos postos da carreira a que se consagrou com a dedicação de quem se devota a um verdadeiro sacerdocio.

No magisterio paulista, onde já havia firmado invejavel reputação de notavel capacidade, demonstrada no exercicio de cargos de professorado, de inspecção escolar e de direcção de estabelecimentos de ensino, foi encontral-o o governo federal, em 1911, quando o Ministerio da Marinha, a frente do qual se encontrava a figura eminente de Marques de Leão, reconheceu a inadiavel necessidade de organizar o ensino das nossas escolas de aprendizes marinheiros, fundando-o sobre as bases solidas, que só uma verdadeira competencia technica poderia lançar.

O governo de São Paulo, solicitado pelo Almirante Marques de Leão, apontou Arnaldo Barreto como o mais abalisado de seus professores para a magna tarefa que se projectava e só foi ultimada sob a gestão do saudoso Almirante Belfort Vieira, a quem o Brasil e a Marinha, em particular, devem os incatculaveis serviços em que importou a reforma do ensino de nossas escolas de aprendizes marinheiros, onde a actuação de Arnaldo Barreto e seus illustres collaboradores fructificou em resultados verdadeiramente admiraveis.

De menor vulto não foram os relevantes serviços do velho educador á testa da escola creada pelo Lloyd Brasileiro para a devida preparação das tripulações de sua frota.

Encerrou-se a brilhante carreira de Arnaldo Barreto com a direcção da Escola Normal da capital do Estado de São Paulo, posto em que a morte foi encontral-o depois de uma operosa e util existencia, de que são eloquentes testemunhos

os serviços que prestou e as numerosas obras que deixa publicadas.

Prestando uma singela homenagem ao esforçado trabalhador da grande obra da educação do nosso povo «A Escola» rende também um preito de saudade ao companheiro inolvidavel.





## NOTAS E COMMENTARIOS

### *Uma lição fóra da escola...*

POR

GEORGE SUMNER

Somos um povo que se descuida dos seus grandes homens e dos feitos notaveis da sua nacionalidade, abandonando, ao mesmo tempo, o culto das bellas artes, pela falta de monumentos em nossas praças, que os commemore.

Surgiu-me essa idéa, no decorrer de uma conversa, em passeio, com meu filho, a proposito das nossas estatuas.

Que significa a estatua? perguntou-me.

Significa a gratidão da patria para com seus filhos que tão bem souberam honra-la, ou symbolisa um facto historico que a engradece.

—Então só os heroes é que merecem estatuas?

—Sim. Os heroes são dignos dessa recompensa.

—Só são heroes os que vencem batalhas?

—Porque pensa você assim? indaguei.

—Porque o General Ozorio, o Duque de Caxias, o Almirante Barrozo, que tem estatuas, venceram batalhas, o Almirante Tamandaré, que tem um monumento em sua honra, foi um grande do mar.

—Em compensação, tem você a estatua de Pedro Alvares Cabral, que assignala a descoberta do Brasil; a de José Bonifacio que recompensa o trabalho desse grande brasileiro em pról da nossa emancipação politica; as de Mauá e Christiano Ottoni lembrando os serviços prestados por esses patricios no desenvolvimento das

nossas industrias; a de Teixeira de Freitas, homenagem á cultura juridica desse digno filho do nosso Paiz; a de Floriano...

—Ser heroe, meu filho, não significa sómente o vencedor; o que perde tambem é um heroe, bateu-se, talvez, em condições inferiores, e foi vencido, tendo sacrificado todo o seu sonho, todas as suas affeições, todas as suas energias, no cumprimento do dever.

--Heroe, meu filho, é tambem aquelle que pelo estudo busca alcançar a gloria, sacrificando noites de somno, momentos de prazeres outros na conquista dos conhecimentos que o torne um notavel, um grande da Patria, quiçá da humanidade.

—Heróe, é tambem aquelle que sabe resistir aos embates da vida, não se deixando desanimar ante os insuccessos, as injustiças, as villanias..., é o que aprende com S. Francisco que Deus fez a desigualdade da fortuna para instituir a caridade.

Descuidamo-nos, effectivamente, muito dos nossos grandes feitos, dos nossos maiores homens, só nos apressando em retribuir os serviços prestados por aquelles que venceram batalhas ou revoluções, embora só agora esteja sendo erguida, após mais de 35 annos, a estatua commemorativa da proclamação da Republica.

Precisamos commemorar em monumentos artisticos, e não sómente em ligeiras hermas, os maiores de nossa litteratura, desde Gregorio de Mattos, o seu fundador, até Ruy Barbosa, a aguia que assombrou o mundo; nem Francisco Manoel, o inspirado auctor do hymno nacional, nem Carlos Gomes, tem na nossa cidade um monumento que os celebre; a nossa sciencia, em suas varias modalidades, não tem na praça publica, esculpida no bronze, a significação de seus feitos; Santos Dumont, que já tem em sua honra, na França, mais de um monumento glorificador de seu genio, não logrou, ainda, em sua Patria, uma homenagem identica; o Barão do Rio Branco, o grande ministro, o diplomata de vasto descortino que tão bem soube tornar o seu Paiz generoso, não teve ainda a recompensa dos seus inolvidaveis serviços assinalados aos olhos da população; a independencia do Brasil, cujo centenario já foi festejado, não tem, nesta capital, registrado esse grande feito em um monumento, bem como não existe outra construcção semelhante que commemore a grande conquista que foi a abolição.

— De volta á casa, do passeio a que me referi, deí ao meu filho a leitura da poesia abaixo, de Thomaz Antonio Gonzaga.

*Em que consiste o ser heroe*

Alexandre, Marilia, qual o rio,  
Que engrossando no inverno tudo arrasa,  
Na frente das cohortes  
Cerca, vence, abrasa,  
As cidades mais fortes.

Foi na gloria das armas o primeiro,  
Morreu na flôr dos annos, e já tinha  
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome  
Não ha poder algum, que não abata,  
Foi, Marilia, sómente  
Um ditoso pirata,  
Um salteador valente.

Se não tem uma fama baixa e escura,  
Foi por se pôr ao lado da justiça  
A insolente ventura.

O grande Cesar, cuio nome vòa,  
A' sua mesma patria a fé quebranta,  
Na mão a espada toma,  
Opprime-lhe a garganta,  
Dá senhores a Roma.

Consegue ser heroe por um delicto,  
Se acaso não vencesse, então seria  
Um vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste  
Em queimar os imperios : move a guerra,  
Espalha o sangue humano,  
E despovôa a terra  
Tambem o mau tyranno.

Consiste o ser heroe em viver justo  
E tanto póde ser heroe o pobre,  
Como o maior Augusto.

*Serviço de Inspeção Medica Escolar**Relatorio apresentado ao Director Geral de Instrucção Publica.*

PELO

DR. OCTAVIO AYRES

*Exmo. Snr. Director Geral de Instrucção Publica*

Em cumprimento ás determinações de V. Ex. apresento o relatorio do serviço de Inspeção Medica Escolar durante o anno lectivo de 1924.

Encontrará V. Ex. neste relatorio não só considerações geraes sobre os motivos porque a Inspeção Medica Escolar ainda não produziu tudo quanto della se deve esperar em beneficio das crianças das Escolas Municipaes, assim como os resultados praticos já alcançados e que, facilmente podem ser observados por qualquer autoridade technica assim como pelos poderes municipaes.

Composto o corpo medico escolar de um conjunto de profissionaes que deram provas publicas de conhecimentos technicos, naturalmente a expectativa que os aguardava era de que esse corpo de profissionaes iria transformar «de fond en comble» e, num golpe de magica, as tristes condições hygienicas de então das escolas primarias do Districto Federal

Dahi a celeuma que se levantou por se não materialisar immediatamente em factos palpaveis a acção dos medicos escolares.

E' chegado o momento, entretanto, de alguma coisa se dizer, não em defesa desses profissionaes que não o precisam, mas sim como uma informação real do que já se vem conseguindo tenazmente em beneficio da saúde e da vida de milhares de crianças.

Exmo. Snr. Director de Instrucção Publica: Em 1916, quando os medicos escolares encetaram os seus trabalhos, tiveram de defrontar, inicialmente, uma atmospheria de franca repulsa aos seus serviços e o minimo que se dizia era a inutilidade e o despendio infructifero da Inspeção Medica Escolar. Nessa situação hostil em um meio desconhecedor das funcções dos novos profissionaes, começamos os nossos trabalhos e quando mal dávamos os primeiros passos, sentiamos a acção de uma campanha aniquiladora, de seitas religiosas, fazendo anonymamente, dentro das escolas, propaganda contra as nossas primeiras medicas hygienicas.

Sabe V. Ex. que quasi em todas as escolas do Districto Federal ha annos passados se distribuiam por intermedio de impressos, folhetos de propaganda contra a vaccinação ante-variolica, que eramos os primeiros a executar nas escolas municipaes.

Tinhamos pois deante de nós, ante tal situação, um duplo caminho a seguir: ou faziamos a hygiene individual dos alumnos «malgré» todas as relutancias e impecilios, ou então iriamos tratar da hygiene do meio escolar.

O primeiro problema superava em importancia e podia ser executado por nós; o segundo necessitava de vastos recursos financeiros para ser levado a cabo.

Infelizmente, Snr. Director, o corpo medico-escolar, vem com a autoridade technica que lhe conferem as snas funcções, afirmar mais uma vez em publico e raso, que as condições hygienicas do meio escolar (predio, installações sanitarias, pateo de recreio, abastecimento d'agua, mobiliario) são tão criticas que não sabemos de phrases com que possamos patentear toda a verdade.

Assim pois, aqui fica neste relatorio, o brado de angustia do corpo medico escolar, contra tal estado de cousas.

Não podendo ultimar esta segunda parte do problema, aqui vamos narrar o que se tem feito para a solução da primeira questão.

Como V. Ex. sabe, as funcções do medico escolar no nosso meio não podem e nem devem ser equiparadas ás de outros na Europa e na America do Norte. As condições de vida, clima, regime alimentar, horario de trabalho e dominando tudo a questão do analphabetismo, fazem com que o medico escolar entre nós tenha uma dupla funcção — educadora e de hygienista propriamente dito.

A primeira vem sendo galhardamente executada com o auxilio prestimosissimo do corpo de inspectores pedagogicos e do professorado Municipal. Assim é que difficilmente será encontrada uma escola onde o asseio corporal dos alumnos, o habito do copo e guardanapo individuaes, o uso obrigatorio do calçado, o regime alimentar das merendas, etc, etc. vão se patenteando francamente demonstrando que as lições de hygiene têm fructificado.

Não vamos entrar em maiores detalhes neste particular, pois compete ás autoridades Municipaes verificar o que affirmamos.

A segunda parte da questão vai mathematicamente exposta nos dous quadros annexos a este relatorio; no primeiro tem o Director de Instrucção Publica, elementos para verificar quanto a inspecção medica escolar, no terreno da hygiene vem melhorando as condições dos alumnos. Neste quadro verificará V. Ex. as vultuosas sommas de crianças, professoras e empregados examinados; de revaccinações, vaccinações, de docentes e discentes afastados por molestias contagiosas graves do meio escolar.

No segundo quadro verificará V. Ex. o esforço de cada medico em cada Districto.

Cabe aqui chamar a attenção de V. Ex. e dos poderes publicos para uma situação que se começa a desenhar e cuja gravidade não precisamos salientar.

Como V. Ex. sabe, o regime de merenda das crianças, ha alguns annos passados, era relativamente bom, pois se compunha ora de pão e carne, pão e ovo ou pão e doce, etc.; actualmente dadas as condições de subsistencias cada vez mais caras, já não são poucas as crianças que vão ás escolas sem merenda, ou, quando a levam, esta consiste em um pequeno pedaço de pão, raramente acompanhado de qualquer outro alimento.

Este facto pode não ser observado nos districtos de zona urbana, onde habita a população abastada; porém nas zonas suburbanas e ruraes, nos meios operarios, o facto assignalado já se observa francamente. O que isto importará como factor valioso no desenvolvimento physico dos alumnos, assim como na menor resistencia opposta ao contagio de molestias infecciosas, maximé a tuberculose, facilmente se comprehenderá.

Outro ponto para o qual mais uma vez pede o corpo de medicos escolares todos os cuidados dos poderes publicos é o da existencia de grande numero de alumnos com parasitoses intestinaes, enfermidades estas que, minando a saúde das crianças, diminue-lhes a capacidade de trabalho intellectual e até mesmo de desenvolvimento physico.

Ha alguns annos passados, quando director de instrucção publica,—Dr. Cicero Peregrino—propoz ao corpo de medicos escolares executar a prophylaxia e tratamento dessas parasitoses intestinaes. Nesso occasião mandou-se buscar o material necessario para o serviço e até hoje, infelizmente, apezar das repetidas reclamações nossas, não se iniciaram os trabalhos.

Como ponto importante do programma da Inspeccão Medica Escolar, esta se não cansa de despertar a attenção de V. Ex. para a questão do desenvolvimento physico dos alumnos, tão pouco uteis e de nullos resultados praticos são as aulas de gymnastica ministradas nas escolas publicas.

Como V. Ex. sabe para taes aulas são utilizados os prestimos das professoras pedagogicas, duante o tempo insufficiente e ridiculo de 1 ou 2 quartos de hora por dia. Ora, Sr. Director de Instrucção, nunca se obterá o menor resultado com taes pratica de ensino, mister se faz que em cada districto se encontre uma professora de educação physica (professora no sentido tecnico do termo) unica e exclusivamente entregue aos seus deveres, fazendo executar os programmas de desenvolvimento corporal dos alumnos, programma antecipadamente formulados por autoridade na materia.

Em muitas outras considerações geraes, poderia o corpo de medicos escolares se estender neste relatorio, porém diariamente as nossas suggestões são levadas a V. Ex. que conhece as difficuldades e falta de recursos que entram e entorpecem as nossas accões.

Cabe-nos agora trazer ao conhecimento de V. Ex. os motivos porque a Inspeção Medica Escolar apresenta falhas na execução dos serviços que lhe são entregues.

Duas são as causas premordiaes : a primeira é mais séria, a falta de direcção technica que imprima aos varios serviços unidade de vistas, fiscalizando assiduamente, os trabalhos dos medicos, e providenciando para que sem demora todas as medidas de hygiene individual ou do meio escolar sejam executadas ; a segunda é que as questões de hygiene do predio escolar e de prophylaxia das molestias contagiosas de docentes e discentes foram incorporadas ao regulamento de Saude Publica Federal, de modo que aos medicos escolares só resta constatar as faltas encontradas sem poder punir os responsaveis.

Urge um entendimento entre a Saude Publica e a Municipalidade para que assim possa a Inspeção Medica Escolar levar a bom termo os seus trabalhos, quando os poderes Municipaes fornecerem os recursos necessarios, pois fazer-se hygiene sem dinheiro é realizar phantasias scientificas.

Ao terminar, Exmo. Sr. Director de Instrucção, a Inspeção Medica Escolar faz um appello a V. Ex. para que a Municipalidade consiga da generosidade da Fundação Gaffré e Guinle a criação de 4 a 5 pequenos ambulatorios de clinica nos varios districtos escolares e nos quaes a população indigente ou pauperrima das escolas municipaes possa encontrar os cuidados medicos e therapeuticos que a pobresa de seus progenitores não mais lhes permite conceder.

Rio de Janeiro — 25 de Julho de 1925.

### *Alguns termos técnicos*

PELO

DR. PEDRO A. PINTO

« Na linguagem química que é que significa a palavra oclusão? »  
 Cândido de Figueiredo não consigna a acepção, que assim pode ser definida : « Propriedade que tem certas substâncias, em regra metais e óxidos metálicos, de absorver e condensar gases. Alguns autores limitam o fenômeno de oclusão dos metais e a

crescentam — com a propriedade de retê-los ainda mesmo no vazio. Nota-se a oclusão com vários óxidos fusíveis e, para que ella se dê, não é essencial que o gás seja retido, após o resfriamento.

« A prata em fusão pode absorver até vinte e duas vezes seu volume de oxigênio; no momento de solidificação do metal o gás se desprende. . . (Alvaro de Oliveira. Elementos de Química. Pag. n. 333).

Outros autores ensinam que a oclusão só se dá quando se acham os metais no modo líquido, fundidos.

Foi o químico escocês e professor em Londres, Tomas Graam, quem, no segundo quartel do século 19, estudou o fenómeno de absorção de gases pelos metais e chamou-lhe oclusão. Possivelmente, lembrou-se de tal nome, de *occlusio*, *occlusionis*, acção de obstruir, por que os gases obstruem, para assim dizer, os poros dos metais.

Em regra, observa-se a oclusão em temperatura elevada quando está o metal fundido. Há, entretanto, casos em que ela se dá, em temperatura ordinária. O paládio, por exemplo, absorve grandes porções de hidrogênio, á temperatura normal e a absorção é muito grande quando está o gás em estado nascente. Um cmc. de páladio pode absorver 982 cmc. de hidrogênio.

Difusão é outro termo frequentemente mal definido, em dicionários da lingua.

Nos manuais de Química, dêste modo dá-se idea da difusão, — Num copo com água lança-se cautelosamente alcool corado e vê-se, durante algum tempo, uma linha de separação muito nitida. A pouco e pouco, apesar de ser o alcool menos denso que a água, misturam-se os dois líquidos e tornam-se homogêneos. Ao acto de misturarem-se espontaneamente os líquidos dá-se o nome de difusão, nome que tambem pode dar-se á mistura de massas gasosas, nas mesmas condições. Se as massas gasosas estão separadas por parede, e a passagem se dá por um poro, ao acto de misturarem-se as substâncias dá-se o nome de efusão. O verbo latino é *efundere* e o português *efundir*.

*Efundere*, e *efundir*, correspondem a sair; *difundere* e *difundir* a espalhar. . .

Na linguagem técnica há pendor a aceitar-se a diferença que ficou estabelecida, não sendo, entretanto, rigorosa a distinção. O hidrogênio, por exemplo, é substância que atravessa membranas de paredes porosas, é substancia efusiva. E' comum, entretanto, dizer-se que o gás é difusivo.

O termo efusão, modalidade de difusão, de uso corrente em linguagem química, não está registado no dicionário de Cândido

Figueiredo. Até mesmo com as significações comuns de derramamento, expansão... foi o vocábulo esquecido.

Em o «Novo Dicionario» vê-se «Effusamente ou efusamente adv. com efusão...»

«Effusivo ou efusivo, adj. Em que há efusão; fervorosamente. «Effuso ou efuso. Em que há efusão».

Em Química, dá-se o nome de experiência de efusão á que foi realizada pela primeira vez em Sainte-Clair Deville, consistente na dissociação de vapor d'água em hidrogênio e oxigênio, com auxilio de alta temperatura, superior a de 800 graus centígrados.

Boll descreve a experiencia, sob o nome de efusão, à página número 17 de seu curso de Química, 2.<sup>a</sup> edição.

Á página número 18 diz: «... a 1300 graus a água não resiste a efusão».

Á página número 14, dando os caracteres das substancias puras, diz: «deve permanecer idêntica a si mesma, após a efusão ou diálise».

Chamou efusão à experiencia de dissociação porque um dos gases resultantes, o hidrogênio, se espalha ou efunde através das paredes do tubo.

Não usou linguagem rigorosa, dando efusão como sinônimo de diálise. Esta é, por definição de quem a concebeu, de Graam, «a separação de substancias coloides das cristaloides, por meio de um diafragma colóide». Literalmente quer dizer separação.

A essa experiência, e a outras semelhantes, deu H. Sainte-Clair Deville o nome de dissociação, segundo se vê em suas «Leçons sur la dissociation», professadas na «Sociedade de Química», em 1866, e publicadas em 1869.

Figueiredo consigna o termo dissociação, definindo-o de modo impreciso.

Escreve o afamado dicionarista: «Dissociação, f. Acto ou efeito de dissociar».

E assim define o verbo:

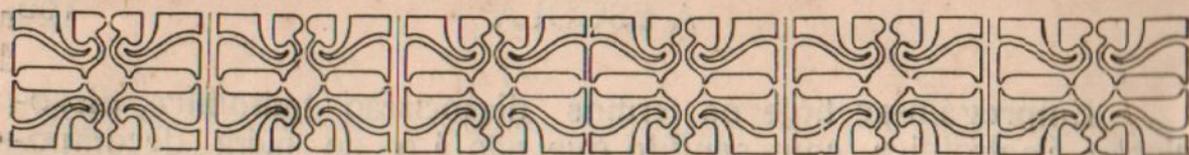
«Desagregar. Dissolver (aquilo que estava associado) Decompor quimicamente».

Nem toda decomposição quimica é dissociação. Esta é modalidade daquela.

Sainte-Clair Deville deu o nome de dissociação quimica à decomposição parcial e gradual de uma substância em partes que se poderão recompor espontaneamente, cessada a causa que provocou a decomposição.

«Para cada temperatura, determinada e convenientemente escolhida, um gás composto contem uma parte de seus elementos no estado de isolamento completo; a essa decomposição gradual chamei dissociação...» (Sainte-Clair Deville op-cit. Pag. n. 9).

Empregam-se hoje os termos dissociação hidrolítica, dissociação electrolítica, com sentido que não é o de mera decomposição, nem decomposição com sequente aptidão de recompor-se a substância. Segundo a hipótese de Arrhenius, quando se dissolve em água uma substância susceptível de decompor-se pela corrente eléctrica, no liquido não se encontra a substância — encontram-se nucleos constituintes, com cargas positivas e com cargas negativas — os iões. Ao phenomeno de formação dos iões dá-se o nome de dissociação.



# ENSINO PRIMARIO

Lingua materna - O genero e o numero (1)

POR

MARIA COUTINHO DO AMORIM

Em numero anterior tive occasião de alludir ao ensino da Grammatica — como é elle ministrado hoje nas nossas escolas primarias. Esbocei apenas a methodologia para ensino da mesma, e detive-me, para principiar, na noção de *nome*, uma das primeiras que exige o nosso programma do 2º anno do curso primario.

Hoje, perseverando na minha boa vontade de auxiliar com o fructo de alguma pratica as inexperientes e noveis professoras, prosigo, desenvolvendo no presente numero desta revista a orientação para o ensinamento das noções — *numero e genero*.

Por experiencia propria, e pelo estudo já feito, comprehende a criança que tudo requer um nome, e que elle resume os attri-

butos, os elementos da idéa que traduz.

---

(1) Por lamentavel inadvertencia na impressão do n. 27 da «A Escola», foi omittida a declaração de ser o artigo »Linguagem oral«, da secção ENSINO PRIMARIO, da autoria de nossa illustre collaboradora a Exma. Sra. Professora D. Maria Coutinho do Amorim.

Alem dessa omissão, outros erros typographicos se encontram no mesmo artigo exigindo uma correcção.

Assim, onde se lê — «deligentes», — deve se ler — «diligentes»; — onde a autora escreveu — «abelhinha» — o compositor leu «abelinhas»; — as palavras — « Apicultura — apicultor — abelhudo» — foram erradamente compostas — »Agricultura — agricultor — abelhando»; — onde se lê — «providencia» — deve se ler — «previdencia»; — onde foi composto — «das familias», — devia ter sido composto — «da familia»; — onde se lê — «esperanças firmada», — deve se ler — «esperanças firmadas» !.

Firmada essa noção (e disso nos convencemos quando a criança é capaz de exemplificar), podemos conduzi-la á noção de *pluralidade*.

Si lhe perguntarmos como fazer para que á palavra *carteira* juntemos a idéa de mais uma, responderá logo — *carteiras*. Designando por — *carteira* — o objecto, o movel, cujos attributos se resumem naquella idéa, deixa entender que, na idéa — *carteiras* — allia, além daquelles, mais um attributo — muito, quantidade além de um.

Peçamos que designe os objectos que se encontram diante de seus olhos, juntando ao nome a idéa de mais de um.

Dirá logo — *carteiras* — *tinteiros* — *canetas* — *livros* — *cadernos*, etc.

Se lhe pedimos que nos traga ou apresente — *canetas* — *livros* — *cadernos*, procura lançar mão dos de alguns collegas, porque *um* apenas, não basta, não satisfaz á condição imposta.

Prova com isso que a noção de *pluralidade* elle a tem, adquiriu-a por si no aprendizado da lingua. E affirma com convicção que, dizendo — *livros* — refere-se a mais de um.

Da tarefa de formar o plural de palavras de seu vocabulario, elle se desobriga com facilidade pelo uso da propria lingua.

Resta então, attrahir-lhe a attenção para o facto, para o phenomeno que se opera.

Escriptas as palavras — *caderno* — *caneta* — *livro* — *tinteiro* e confrontando-as com — *cadernos* — *canetas* — *livros* — *tinteiros*, o alu-

mno descobre que a differença, a alteração está no fim da palavra, consiste no simples accrescimento de um *s* e deduz logicamente que é elle alli o indicador da pluralidade.

Chega o momento de dizer-lhe que a esse facto da lingua-gem, a esse phenomeno grammatical se dá o nome *pluralidade*. O alumno, generalizando o caso, conclue então, que é com o accrescimento de *s* que se fórma o plural, isto é, pelo accrescimento de um *s*, junta-se a noção de quantidade á idéa; e que sem elle, sem essa terminação, a idéa traduz apenas *um só*, apenas *um* — é o *singular*.

Como conduzir agora ás excepções na formação do plural?

Ao alumno esperto, intelligente e observador, não passará despercebido, no acervo de palavras de seu uso, algumas, cuja pluralidade fuja á regra que antes generalizou. E, immediatamente patenteando a sua descoberta no exemplo que lhe acode, induz o professor ao fim collimado. Apresenta-se o ensejo para o estudo das excepções na formação do plural.

O proprio alumno, na descoberta successiva de exemplos, que por associação lhe vão acudindo á mente, acaba por concluir com convicção que não é sempre com o simples accrescimento de um *s* que se junta á palavra a idéa de plural.

De nomes terminados em *al* — *el* — *il* — *ol* — *ul* — *ão* — *or* — *z* etc, lembra logo — *animal* — *carretel* —

funil—lençol— azul —cão— mão  
—coração—cobertor—atriz.

Convém então, particularizar essas e outras excepções, partindo das mais simples, é logico.

Por meio de exercicios adrede preparados, chegará o alumno, particularizando e generalizando depois os casos, á deducção da regra para cada um delles.

A noção de genero parte, como é natural, das respectivas femeas de taes e taes animaes. Se lhe perguntamos qual a femea deste ou daquelle animal, responde — esta ou aquella. Do gato, do cão, do boi, diz serem— gata, cadella, vacca.

Dahi o levamos ao conhecimento de novos exemplares e ao meio por que designar os que não têm um nome especial para cada genero,—papagaio macho, papagaio femea.

A nomes de pessoas ou de animaes fazamos juntar um attributo—Pedro é alto; gato preto e numa serie de exemplos analogos, indaguemos da razão porque empregamos *alto*, *preto*. A resposta immediata será — que se não diz—gato preto; Pedro é *alta*; que attributos com tal terminação são inherentas á idéa —femea, emquanto os primeiros se aiustam á idéa—macho.

Mas, repliquemos:—alta, tambem se diz de uma porta ou de uma parede; *alto*, de um muro ou de portão; *preta*, se diz de uma fazenda ou de tinta; *preto* —de um lapis ou de um carvão. Ora, *porta*, *parede*, *muro*, *portão*, *fazenda*, *carvão*, e innumerous

tros, são nomes tambem; não de machos nem de femeas, mas de objectos, de cousas, de seres inanimados, nomes a que precede sempre *o* ou *a*, como aos nomes de machos precede *o* e aos de femeas precede *a*.

Appellando para os que se fazem preceder de *o*, lembra logo uma serie delles; — o livro — o tinteiro — o lapis — o armario, etc.

Precedidos de *a*, diz— a pedra — a caneta — a borracha — a sala — a janella etc.

Suggestimos então reunil-os em dous grupos—o dos nomes masculinos, nomes a que se podem applicar os attributos masculos; o dos nomes femininos, nomes de seres ou cousas a que se ajustam attributos inherentes ás fêmeas.

Já dahi, levando-o a distinguir seres masculinos e femininos, e attributos de um e outro genero, elle por si proprio conclue que attributos masculinos acompanham seres masculinos, e a seres femininos se ajustam os attributos femininos.

Exemplificando dirá:—menino alto — menina alta; caminho estreito — rua estreita; salão amplo — sala ampla.

Para a formação dos femininos de gato—alto—pato—feio —magro—rato —fraco —acodellhe logo a mudança do *o* em *a*: gata—alta —pata—feia —magra —rata—fraca.

Pela frequencia do caso, acaba por generalizar, declarado — *no* é a terminação dos nomes masculinos assim como — *a* é a dos femininos.

Exemplifiquemos uma excepção—animal—ave. O alumno, para classificar-os como masculino ou feminino, serve-se logo do *apoio* de *o* de *a*, e diz promptamente—o animal, a ave.

Por este e muitos outros exemplos, que successivamente lhe vamos apresentando, mostrando que fogem áquella generalidade, se convence de que os nomes masculinos não terminam só em *o*, como também não é *a* a exclusiva terminação para os nomes de genero feminino.

E se lhe pedimos que prove a asserção do que acaba de verificar, lembra logo—animal—carretel—funil—îreguez—bahú—

pé etc e diz serem masculinos; e como femininos recorda—mão—colher—chave, etc. etc.

Em resumo, deduz o proprio alumno que, para discernir o genero de uma palavra se faz mister precede-la de *o* ou de *a*.

Assim encaminhado, facil será então levar-o ao conhecimento das varias excepções, á distincção de *biformes* e *uniformes* e á variação de genero por posposição das palavras macho ou femea ou pela anteposição de *o* ou *a*.

Os exercicios frequentes acabarão por firmar os principios a que estão sujeitas as palavras para a formação de genero.

---

## Geographia

POR

IGNACIO DO AMARAL

5. ANNO

### Principaes rios navegaveis da vertente do Amazonas

---

Antes de entrar na descrição dos principaes rios da vertente do Amazonas, deve o professor indicar a localisação dessa grande bacia fluvial, assinalando os territorios por onde ella se estende e a grandeza de

sua superficie, que a colloca em primeiro logar entre as mais extensas bacias fluviaes do mundo.

Convem, mesmo, observar que a sua superficie é quasi igual ao dobro das maiores

que se lhe seguem em importância, como se patentea do seguinte quadro:

| BACIAS FLUVIAES       | SUPERFICIE EM<br>KILOMETROS<br>QUADRADOS |
|-----------------------|------------------------------------------|
| Amazonas . . . . .    | 6.430.000                                |
| Obi. . . . .          | 3.520.000                                |
| Mississippi . . . . . | 3.300.000                                |
| Congo. . . . .        | 3.206.000                                |

E' tambem conveniente chamar a attenção dos alumnos que o Amazonas é justamente considerado o primeiro rio do mundo não só pela extensão da sua enorme bacia fluvial, como tambem pelo volume das aguas que por elle descarregam no oceano, volume sem par entre os demais rios do mundo.

Deverá, porém, o professor observar que o Amazonas não é, entretanto, o mais extenso do rios do globo, pois que o seu curso total sendo de cerca de 6.200 kilometros de extensão é inferior ao curso do rio Mississippi, quando se considera o rio Missouri como o braço superior do systema fluvial Missouri-Mississippi, curso que tem, então, um comprimento total de cerca de 6.500 kilometros.

Convem chamar a attenção dos alumnos para o facto de que o rio Amazonas e a sua

bacia fluvial não pertencem integralmente ao Brasil, pois que sómente 3.800.000 kilometros quadrados da bacia amazonica se acham em territorio brasileiro, o que, aliás, constitue uma superficie bastante superior a das maiores bacias fluviaes do mundo.

E' tambem importante observar que dos 6.200 kilometros do curso do Amazonas só 3.165 kilometros são por elle percorridos depois de sua entrada em territorio brasileiro, em Tabatinga, onde a sua largura attinge 2.775 metros com uma profundidade media de 20 metros, tendo, então, a sua corrente a velocidade media de 1 1/2 milha horaria.

Deve ser observado que a inclinação do leito de Amazonas é fraca, sendo a sua altitude acima do nivel do mar em Tabatinga, de 82 metros apenas.

As marés atlanticas são sentidas no rio Amazonas até cerca de 960 kilometros de sua embocadura, o choque entre a maré e a corrente do rio produzindo o phenomeno denominado «póróróca».

No curso do rio Amazonas deve ser assignalado como particularmente notavel o desfiladeiro de Obidos, que é a parte mais estreita do rio em territorio brasileiro e onde elle apresenta 1.500 metros de largura com uma profundidade media de 76 metros.

Passando a enumerar os principaes affluentes do grande rio, em territorio brasileiro, deve

ser citado, em primeiro lugar, o *Javary*, que serve de divisa entre o Brasil e a Bolívia e desagua na margem direita do Amazonas, ao entrar este em terras brasileiras. A seguir devem ser citados o *Iça* ou *Putumayo* que vem da Colômbia desaguar na margem esquerda; o *Juruá*, rio acreano, pela margem direita; o *Japurá*, pela margem esquerda; o *Teffé* e o *Purús*, pela margem direita; tendo este último um curso de 3.000 kilometros; o *Negro*, pela margem esquerda tendo para afluentes principais o *Naupés* vindo dos Andes e o rio *Branco*, vindo do planalto das Guianas; o *Madeira*, na margem direita, notável pelas suas numerosas cachoeiras, grande extensão e volume d'água; o *Tombetas*, pela margem esquerda; o *Tapajóz* e o *Xingú*, pela margem direita.

O professor deve observar que na foz do Amazonas, que se estende do cabo Norte á ponta da Tijoca, forma-se um imenso estuário com inúmeras

ilhas, — das quaes a principal é a de Marajó, com 47.900 kilometros quadrados, seguindo-se em importancia a Caviana, a Grande e a Mexiana, — estuário onde vem desembocar, ao sul, o rio *Tocantins*, que tem para principal affluente o *Araguaya*, e pela margem septentrional, 35 milhas ao sul do cabo Norte, o *Araguary*, assim também incluído entre os tributários da bacia amazonica.

Não ha vantagem, principalmente tratando-se de um curso primário, em pretender augmentar a lista desses tributários, pela consideração de rios de menor importancia; preferível se torna, quando seja julgado conveniente um maior desenvolvimento do curso, estudar mais minuciosamente os principaes afluentes que ficaram considerados, apreciando as suas condições navegabilidade ou outras circumstancias que possam despertar a attenção e o interesse dos alumnos.

### Arithmetica

POR

MATHILDE CIRNE BRUNO

#### Divisão de um numero em partes proporcionaes

Para que 2 fracções tenham o mesmo valor é preciso que os termos de cada uma representem productos de um numero qualquer pelos respectivos

termos da outra. Sendo dadas então duas fracções iguaes, tanto a somma dos numeradores como a dos denominadores representam termos de cada fracção.

Seja, por exemplo, a igualdade :

$$\frac{6}{9} = \frac{14}{21}$$

Temos:  $14 = 2 \frac{1}{3} \times 6$

$$21 = 2 \frac{1}{3} \times 9$$

d'ahi:  $14 + 6 = 3 \frac{1}{3} \times 6$

$$21 + 9 = 3 \frac{1}{3} \times 9$$

Ainda:

$$\frac{14 + 6}{21 + 9} = \frac{3 \frac{1}{3} + 6}{3 \frac{1}{3} + 9}$$

ou

$$\frac{14+6}{21+9} = \frac{6}{9} \quad \text{e} \quad \frac{14}{21} = \frac{6}{9}$$

D'um modo geral, si tivermos:

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} = \frac{e}{f} \quad \text{a somma}$$

$a + c + e$  será igual á quantidade  $a$  repetida certo *numero* de vezes e a somma  $b + d + f$  será igual á quantidade  $b$  repetida o mesmo *numero* de vezes, isto é,

$$\frac{a + c + e}{b + d + f} = \frac{m \times a}{m \times b} = \frac{a}{b} = \frac{c}{d} = \frac{e}{f}$$

Conclusão: numa serie de razões iguaes, a somma dos an-

tecedentes está para a somma dos consequente, como qualquer antecedente está para o seu consequente.

Aplicação — Divisão d'um numero em partes proporcionaes a numeros dados.

— Seja dividir 64 nozes, proporcionalmente ás idades de 3 creanças que têm respectivamente 4, 5 e 7 annos —

Precisamos decompôr o numero 64 em 3 parcelas, de tal modo que:

$$\frac{1^a \text{ parc.}}{4} = \frac{2^a \text{ parc.}}{5} = \frac{3^a \text{ parc.}}{7}$$

Como:

$$1^a \text{ parc.} + 2^a \text{ parc.} + 3^a \text{ parc.} = 64$$

$$\text{e } 4 + 5 + 7 = 16$$

temos:

$$64 \frac{1^a \text{ parc.}}{4} = \frac{2^a \text{ parc.}}{5} = \frac{3^a \text{ parc.}}{7}$$

ou

$$\frac{1}{4} \text{ da } 1^a \text{ parc.} = \frac{64}{16}$$

$$\frac{1}{5} \text{ da } 2^a \text{ parc.} = \frac{64}{16}$$

$$\frac{1}{7} \text{ da } 3^a \text{ parc.} = \frac{64}{16}$$

finalmente:

$$1^a \text{ parcella} = \frac{64}{16} \times 4 = 16$$

$$2^a \text{ parcella} = \frac{64}{16} \times 5 = 20$$

$$3^a \text{ parcella} = \frac{64}{16} \times 7 = 28$$

Exercícios e problemas para as diversas classes.

I—Calcular:

$$a) \quad 3 \left[ 0,5 + 3,5 \div 0,7 - \left( \left( \frac{1}{4} + \frac{3}{8} \right) + 2,5 + 2 \right) + \frac{1}{16} \right] = ?$$

$$b) \quad \left( \frac{3 + 2,4}{1 - 0,75} + 2 \right) - \left( 0,3 + 2,1 \div 7 \right) = ?$$

$$c) \quad \left( 3 \times 4 - 2 ( 4 + 2 \times 3 - 32 \div 8 ) \right) \div 3 = ?$$

$$d) \quad \left( 2,8 \div 4 - 0,5 + \frac{7}{9} \div 7 + \frac{1}{45} \right) = ?$$

Nota: Exigir dos alumnos o emprego do calculo mental, na resolução dessas expressões.

II—Comprei 12 gallinhas e 3 patos por 69\$000; no dia seguinte, comprei, nas mesmas condições, 6 gallinhas e 5 patos por 59\$000.

Qual o preço de cada ave?  
Rep. 4\$000 e 7\$000.

III—Comprei 2m,5 de case-

mira e 0m,5 de seda por 89\$000. Qual o preço do metro de cada fazenda si 15 metros da sêda valem 14 metros da lâ? Resp. 30\$000 e 28\$000.

IV—Qual o menor numero de partes em que se pode dividir um terreno, para que se obtenha os  $\frac{15}{18}$  desse terreno?

## Lições de coisas

2. ANNO

**Usos da agua em casa. Asseio, Banhos.**

POR

ANNALCIDA DO PRADA SEIXAS

O professor iniciará a palestra falando do uso que, diariamente, fazemos da agua: *bebendo, lavando, cosinhando*, etc.

Levará os alumnos a observarem o aspecto que a agua tem: *transparente, clara, inodora, insipida*; toma a fôrma da vasilha que

a contiver, seguindo-se d'ahi que é *liquida*.

Mostrará, exemplificando, que, sob a influencia do calor, a agua se torna *vapor* e que assim é empregada para mover machinas. Dirá ás crianças que numa temperatura muito baixa ou sob a acção do frio, a agua endurece tornando-se *gelo* que é utilizado em alguns casos de doenças e serve para conservar os viveres, etc. Dará, então, os nomes applicados a esses estados da agua: *liquido*, *gazoso* e *solido*.

Não se esquecerá de falar na agua *potavel* e nas aguas *mine-  
raes*, dando a sua applicação correspondente.

Encaminhará a palestra indagando das crianças se devemos andar sujos.

Fal-os-á verem os inconvenientes da falta de asseio que, além de causar mal estar ás pessoas e tornal-as repugnantes, pode redundar em alguma enfermidade. Dirá que os proprios animaes procuraram a limpeza: as aves aquaticas depois do banho limpam as pennas, a vacca lambe o bezerro, etc.

Falará a respeito dos *póros*, dizendo-lhes a necessidade de estarem sempre abertos e que, para isto, precisamos tirar a *poeira*, o *suor*, as *materias gordurosas*, etc. que se accumulam na pelle e fazem a *sujeira* de onde vêm

sêres pequenissimos---os *microbios*—muitas vezes causadores de horriveis molestias.

Dirá que è indispensavel o banho diario. Contará que o homem deixa grande numero de *microbios*, na agua, que tanto maior será quanto mais tempo passar sem se lavar.

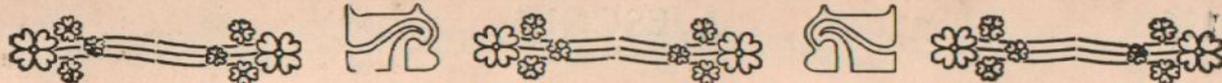
Falará dos banhos *frios* e *quentes*, dos convenientes e inconvenientes que trarão a certas pessoas. Não deixará de dizer que os banhos *mornos* ou *tepidos* fazem bem, quer aos sãos quer aos doentes.

Procurará que as crianças digam como devem ser tomados os banhos.

Lembrará o asseio do *couro cabelludo*, do *rosto*, das *orelhas*, da *bocca*, das *mãos* e dos *pés*.

Fará as crianças verem a necessidade de se trazer a casa assejada. Ensinará como deve ser feita a lavagem da casa e da roupa. Mostrará os inconvenientes de se andar com roupa suja, dirá que deve ser mudada constantemente, isto é, sempre, principalmente a que está junto ao corpo, deverá ser trocada diariamente.

Tudo isso o professor ensinará deixando que as crianças tambem falem, tendo, porém, o cuidado de impedir que se pronunciem concomitantemente para não se tornar uma aula indisciplinada e portanto sem proveito.



# LITTERATURA

## O Rio e o Vento

POR

THEOPHILO DIAS

*Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,  
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,  
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,  
Em direcção contraria á indomita corrente.*

*Freneticos pegões, com impavidos roucos,  
Arrancados com furia ás validas entranhas,  
No impetuoso correr lascam os velhos troncos  
E fazem desabar as pedras das montanhas.*

*De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,  
E em brusco assalto, ferve, e remoinha e brama;  
— Sem colera, encrespando a superficie larga,  
Atravez da floresta o rio se derrama.*

*Como um athleta, o vento, em porfiado esforço,  
Cava a humida arena; o rio, que se empóla,  
Sobe a affronta, erriçando o magestoso dorso,  
Com lento passo equal á rude massa, rola.*

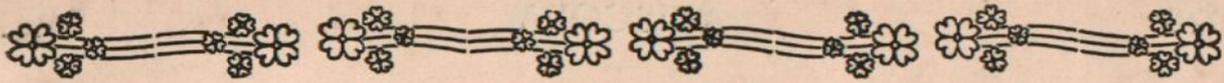
*Apenas, nesse dorso herculeo, que fumega,  
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,  
E elle vae fecundando as regiões, que rega,  
Nutrindo e avigorando as soffregas raizes.*

*Ideal! Ideal! Tu és como esse rio!  
— Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiaras,  
Com grave placidez, impertubavel, frio,  
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.*

*Embalde sobre ti a bava dos insultos  
O preconceito cospe, e golseja a insolencia;  
— Vaes nutrindo de amor os corações incultos,  
Fecundando o dever em cada consciencia.*

*Fatigando ao passado a resistencia, a furia,  
Marchas para o futuro inalteravelmente;  
Não se pode sustar a força, nem a injuria:  
— O tufão não suspende aos rios a corrente!*

---



## Atravez das revistas

---

**A orientação profissional na Hollanda**— O problema da inversão mais conveniente das energias humanas, nunca, talvez, como em nossos dias tenha sido proposto com tanta clareza, nem tratado com tanta avidez, nem estudado com tanta profundidade e extensão, como o é, sob os mais variados pontos de vista, em quasi todas as nações civilizadas. Em varias occasiões temos exposto nesta Revista (1) mais ou menos relacionando com as applicações da Psychologia na sciencia da vocação. Nestas breves linhas nos propomos dar uma ideia geral do que, acerca dos problemas da orientação profissional, se tem feito na Hollanda.

Não cremos seja isto uma mera curiosidade, pois em questões novas e difficeis, como estas, é sempre utilissimo conhecer os trabalhos realizados.

Os methodos e processos scientificos para chegar á solu-

ções acertadas, na gravissima questão da Orientação profissional, foram tantas na Hollanda como em outras nações, completamente desconhecidos antes do seculo XX. A' imitação da Allemanha, onde em 1902 haviam começado a existir «Institutos de informações para escolha da profissão» fundaram-se em 1908 na Hollanda instituições analogas, primeiro em Haya e depois em Dordrecht, Leyde, Maëstricht, Puremonde, Arnheim e Amsterdam, em relação geralmente com as bolsas de trabalho.

Influiu não pouco na Hollanda o incremento que estes estudos tomaram nos Estados Unidos da America do Norte.

Nesta nação diffundiram-se rapidamente as ideias de Frank Parsons, que parece ter sido o iniciador. Elle é, com effeito, o que em collaboração com Meyer Bloomfield, publicou em Boston em 1910, o livro *Choosing a Vocation* (Eleição ou escolha da vocação); Bloomfield funda a

---

1 A Escola nas 17, 18 e 20 paginas 177, 322, 418.

Escola de Harvard e expõe ulteriormente em seu livro *The vocational Guidance of Youth* (guia de vocação da juventude), as diversas tendencias da orientação profissional; formam-se promptamente ligas para a orientação profissional como as *Girls Trade Educacion League*, cujo lemma é: «dar a cada capacidade a profissão que lhe corresponde»; e por fim o celebre engenheiro Taylor leva ao extremo sua doutrina o trabalho especializado, e logrando a colaboração do celebre psychologo allemão H Münsterberg, professor em Harvard, fez entrar a Psychologia experimental na solução do problema. Semelhante actividade se observou na Hollanda ao mesmo tempo. A casa editora Mork, em Dordrecht, sob a direcção do dr. A. S. Van Oven e depois de M. Th. M. Kotelaar e de Mme. Anna Polak, publicou uma bibliotheca profissional que comprehende 32 volumes correspondentes a outras tantas profissões distinctas; em 1915 discutiu-se largamente na reunião annual dos institutos de trabalho holandezes, a questão da orientação profissional; e em seguida a assembléa de presidentes e secretarios das Camaras de trabalho decidem a criação de institutos de orientação profissional. O plano, comtudo, não pode realizar-se por causa da guerra mundial se bem que durante a mesma se publicaram alguns trabalhos interessantes e fizeram-se algumas tentativas por ini-

ciativa particular, as quaes geralmente deram pequenos resultados.

Em um novo estudo entrou a questão da orientação profissional na Hollanda, quando em consequencia das organizações creadas pelo governo para remediar a crise do trabalho por que passava o paiz pelo seu isolamento por causa da guerra, propoz-se estabelecer um instituto Central de Orientação Profissional, o qual parecia especialmente opportuno para attender á necessidade da troca de officio em que se encontravam muitos operarios.

Um funcionario da bolsa de Amsterdam, o Sr. Dëtiger, escreveu a este respeito no *Tidschrift der Nationale Vereeniging tegen de Werkloosheid* (Revista da Associação nacional para luta contra a falta de trabalho — annos de 1916-1917) um largo artigo que terminava com um projecto de organização da orientação profissional na Hollanda.

Este projecto, que attendia unicamente ao aspecto material e economico, não podia satisfazer aos que com razão crêm que a escolha de uma profissão importa mais num problema moral. «Em todos estes planos, escrevia o Sr. Gerhard em um estudo sobre a orientação profissional, nada ha que possa satisfazer aos catholicos». O mesmo dizia o professor protestante Sr. Bavinck: «Sob o ponto de vista Christão, não está tudo dito com isto. A escolha de uma profissão é da mais alta importan-

cia, assim tanto sob o ponto de vista moral como religioso. E' mister ter em conta os perigos de ordem religiosa e moral aos quaes está sujeito o aprendiz de um officio; é mister informar-se do patrão ou director ao qual se submete e sobre o meio em que deverá trabalhar» (1).

Os catholicos, entretanto, não se contentaram em reprovar as deficiencias da organização projectada, mas se lançaram decididamente na criação de corporações catholicas de orientação profissional. A's instituições de trabalho catholicas que existiam já em Harlem, Drodrecht, Ruremonde e Maëstricht, organismos interessados em favorecer a orientação profissional, juntou-se o comité de trabalho fundado em 1918 pelo vigario de Amsterdam, rev. J. G. Jansen, que se encarregou tambem de organizar uma Escola de Orientação Profissional. O defeito desta instituição foi o de adoptar pontos de vista demasiado geraes e vagos, e de sujeitar-se demais ás ideias *tayloristas* de Detiger.

---

(1) O leitor pode ver citados estes autores. e mais largamente expostas os factos que resumimos neste artigo, nas seguintes publicações. Dr. K. Buschauer: *Das psychologische Institut für Berufsberatung der römisch — Katolischen Gewerkschafter in Holland*. Monatschrift für Katolische Social-politik und Vereinspflege (Juni 1923, Winterthur Schweiz); e Paul Werslhove, Profo a Universidade Catholica de Lille; *Le Comptoir psychologique des Profession d'Utrecht*. (Action Populaire. Serie Sociale.

Uma direcção mais concreta, mais pratica, mais completa e scientifica da orientação profissional, é, sem duvida, a que deu o Pe. Jayme van Ginneken, S. J., homem de vastissimos conhecimentos e summamente pratico, activo e dotado de um talento de organização extraordinario. Como philologo o nome de Van Ginneken passou, por suas obras, alem das fronteiras de sua patria, quando ainda não passava de estudante de Phylosophia e Letras; como homem de acção é muito conhecido por seus exercicios espirituaes dados não somente aos catholicos como tambem a protestantes e acatholicos, e mais ainda por suas conferencias sobre materias de religião dadas na Alemanha aos protestantes. Mas, entre todas as emprezas do Pe. van Ginneken, merecem especial menção seus trabalhos para organizar scientificamente o organismo profissional na Hollanda. Contra a maneira de pensar de muitos, que repellem as cousas novas em que descobrem logo algum defeito, sem reparar no bem que podem trazer consigo, o Pe. van Ginneken professa a maxima, que foi inculcando em numerosas conferencias, de servir-se, na solução dos problemas da orientação profissional, de todo o existente que a experiencia tem demonstrado ser util, corrigindo ao mesmo tempo as deficiencias com aperfeiçoamentos novos.

Esta é a posição que tomou

ante ás praticas do *taylorismo*, bastante desenvolvidas na Hollanda, pois, em uma Assembléa de directores de federações syndicaes catholicas, celebrada em 1917, ao mesmo tempo que reprovava seriamente as deficiencias do systema de Taylor, não duvidava de reconhecer todo o bem que elle encerra e em exhortar a seus ouvintes a que o empregassem.

«O systema Taylor, dizia — é a consequencia logica, porem extrema, do materialismo capitalista; a doutrina da materia e só da materia.

Ao considerar o trabalhador meramente como uma machina que tem por fim dar o maior rendimento possivel, proclama a doutrina detestavel que faz consentir o ideal mais elevado do homem na producção mais vantajosa e abundante dos bens materiaes e exteriores. e que a elle tudo sacrifica, mesmo a alma do operario e a felicidade de sua existencia; isso, não obstante, o que assim fallava do *taylorismo*, se comprazia ao mesmo tempo em reconhecer nelle a tendencia justa e bôa de querer dar a cada um o emprego que lhe corresponde segundo suas capacidades e talentos, e entrava de cheio em planejar uma organização vasta da orientação profissional, propondo a creação de um Instituto Psychologico Central, verdadeiro laboratorio de Psychologia da vocação, em que deviam empregar-se para solução dos difficeis problemas da escolha ou elei-

ção do officio, todos os progressos e processos mais recentes da Estatistica e da Psychologia experimental. Esta foi a origem da «Central Zielkundig Bervepskantoor» ou seja (Instituto psychologico Central de profissões) fundado em Utrecht em 1° de setembro de 1918, pela Confederação de Syndicatos Catholicos da Hollanda. «R. K. Vakbureau» como uma secção especial da «Organização Syndical Catholica».

Apenas creada esta instituição, surgiram logo outras similares na Hollanda, como por exemplo o laboratorio psychotechnico municipal de Amsterdam, creado especialmente para a selecção dos conductores de bonds electricos daquela capital, e que funciona sob a direcção do dr. Waayenburg, conhecido por ter feito parte da «Conferencia Internacional de Psychotechnica applicada á orientação profissional e á organização scientifica do trabalho», celebrada em Barcelona, em fins de setembro de 1921, a qual enviou tambem uma communicação outro psychologo hollandez, Julius de Boer, de Nimega. Muito mais ampla é a esphera de acção do Instituto psychologico de Utrecht que tem varias ramificações no paiz, e attende, não somente a uma profissão determinada, senão tambem a distinctas e mui variadas, com o intento de abarcal-as todas. Funciona sob a alta direcção de seu iniciador, o Pe. Jaime van Ginneken, S. J. que tem tido o singular acerto

de lograr em seus trabalhos a valiosa collaboração de pessoas competentíssimas, entre as quaes figura o conhecido professor catholico de Psychologia experimental da universidade de Utrecht, doutor Roels, que na circular de convite para o VIII Congresso Internacional de Psychologia que se ha de celebrar em Groninga, em setembro de 1926, assgna como primeiro secretario do Comité organisador, de que são presidente e vice presidente homens tão conhecidos no campo da Psychologia experimental como Heymans e Wiersma.

Especialmente versados são estes psychologos nos estudos de Psychologia individual, os quaes são a base e o ponto de partida de todos os estudos psychotechnicos e de todas as soluções scientificas que se deem aos multiplos problemas que em nossos dias se suscitam no Campo da Psychologia applicada á orientação profissional e á organização scientifica do trabalho. O Instituto psychologico Central de profissões de Utrecht, por sua esphera de acção, por sua organização scientifica, pelo renome de seus directores e collaboradores, pela originalidade de seus processos e methodos dentro da linhas geraes communs e outras instituições similares, é muito digno de ser conhecido por todos os que, de alguma maneira, se preoccupam dos problemas sociaes, economicos, moraes e psychologicos que apresenta em

nossos dias a orientação profissional.

Nos propomos, pois, dizer alguma cousa mais sobre elle, em outros artigos.

*Fernando Ma. Palmés, S. J.*

Prof. de Psychologia

(Continúa)

**Conferencia internacional esperantista** — No numero anterior da «A Escola» demos conta da Conferencia Internacional para o emprego do *esperanto* nas sciencias puras e applicadas.

A sessão inaugural da Conferencia realizou-se no dia 14 de maio, ás oito e meia da noite, no grande amphitheatro da Sorbonne, sob a presidencia de M. Charles Richet, membro do Instituto. Estavam inscriptos para dissertar sobre «O Esperanto», lingua auxiliar internacional: a) nas sciencias, M. Daniel Berthelot, membro do Instituto; b) na T. S. F., M. Pierre Corret, vicepresidente da Sociedade Francaza de Estudos de T. S. F.; c) no commercio, M. André Baudet) thezoureiro da Camara de Commercio de Paris.

Dar-se-hia mais um curso de *esperanto* em um quarto de hora com projecções, e terminou com uma allocução em *esperanto* de M. Edmundo Privat, presidente do Comité Central Esperantista.

As sessões realizaram-se no grande amphitheatro do Instituto Oceanographico, em 15 e 16 de

maio, ás 10 e 15 horas. Compunham o programma :

I—Eleição da meza presidencial ;

II—Informações sobre a actualização das associações esperantistas scientificas e technicas desde sua fundação e sobre os resultados obtidos (Associação scientifica, associação de medicos, advogados, etc.);

III—Estudo dos meios que devem ser empregados para realizar os intuitos expostos pelos membros da Academia de Sciencias e Associações scientificas francezas em favor da diffusão do esperanto nos centros scientificos e technicos, a saber: 1º acção das pessoas e entidades seguintes, exigindo-se o seu concurso: a) autoridades e instituições officiaes nacionaes; b) associações scientificas e technicas, nacionaes e internacionaes, congressos internacionaes; c) órgãos internacionaes, officiaes ou privados; d) directores, redactores, editores de publicações periodicas; e) sabios, technicos e sociedades ou companhias industriaes; 2º, attribuição á Associação scientifica esperantista e missão de assegurar o cumprimento das resoluções da Conferencia e de seguir seus resultados. Assembléa geral dessa Associação; adopção de seus estatutos; eleição da Directoria para 1925—26. Relações com as demais associações technicas esperantistas; 3º Meios de levar a collaboração da Associação á Commissão e ao Instituto de cooperação intellectual da So-

cidade das Nações; 4º Methodo actualmente empregado para estabelecer os vocabularios technicos: meios de acelerar este trabalho e de publicar os resultados; 5º Apresentação de um novo methodo para ensinar o esperanto aos sabios e aos technicos; 6º Adopção dos votos que expressem as conclusões dos estudos precedentes.

#### Movimentos sismicos no Chile de 1543 a 1924—

Como preparação de um projecto de regulamentação de construcções ascimicas no Chile, o actual director do Serviço Sismologico C. Bobillier apresentou um trabalho sobre a sismicidade no Chile.

Para conhecer a sismicidade em um paiz, é preciso verificar a frequencia média annual com que se succedem os tremores, e sua intensidade. A frequencia é facil de obter-se mediante prolongadas e pacientes observações. Não succede o mesmo com a intensidade, por ser muito difficil apreciar-a numericamente, por não existir ainda escala alguma precisa e uniforme, pois em todas ha maior ou menor arbitrariedade.

Comtudo, Bobillier adoptou a escala Rossi-Forel, e denomina tremores destructores, os comprehendidos nos grãos VIII, IX e X, e distingue estes grãos com os indices 1, 2 e 3. Para facilitar o trabalho, divide o estudo em dois periodos; um desde 1543

a 1907, e o outro, desde esta data até 1924.

Toma os dados para o primeiro periodo, da «Historia Sismica dos Andes Meridionaes» de Montessus de Ballore, e serve-se para o segundo, dos dados instrumentaes obtidos nos observatorios do Chile.

O primeiro periodo conta 120 terremotos destructores, cujo indice médio é igual a 1,57, o qual corresponde a um tremor destructor para cada tres annos, com uma intensidade média comprehendida entre os grãos VIII e IX R-F. As regiões que contam maior numero de tremores destructores, são :

Tacna e Arica, 13 tremores com indice 1,3.

Copiapó, 9 tremores com indice 1,77.

Vallenar, 7 tremores com indice 1,3.

Coquimbo, 9 tremores com indice 1,22.

Aconcagua, 9 tremores com indice 1,66.

Valparaizo e Santiago, 15 tremores com indice 1,8.

Concepcion, 8 tremores com indice 2.

Durante o segundo periodo de 17 annos foram sentidos, em conjunto, 12.694 tremores; destes, 33 foram destructores, com um indice médio de 1,36, que corresponde á intensidade algo maior do grão VIII, além de duas erupções no sul, nos volcões Villarrica e Puyehue, que causaram prejuizos nos campos de fazendas de gado. A zona mais damnificada foi a de Copiapó, com

sete tremores destructores e indice médio de 1,85 correspondente a uma intensidade de quasi IX grãos.

Estes dados são médios e, portanto, não significam que forçosamente se reproduzam todos os annos. Assim, por exemplo, nos annos 1916 e 1917 não houve no Chili nenhum tremor destructor, mas em 1922 foram notados cinco; destes, tres tiveram logar no norte da Republica em Copiapó e Vallenar, e dois no sul em Concepcion, Angol e Canête.

#### Volcões Submarinos —

Durante a viagem de circumnavegação do *Challenger*, effectuou Buchanan grande numero de sondagens densimetricas, para cada uma das quaes mediu (em certos pontos distribuidos em serie vertical, desde a superficie até o fundo do mar), a densidade *in situ* da agua com sua temperatura, o que permite calcular a densidade normal a 0°, ou seja a salinidade.

Se traçar-se, segundo os dados obtidos, os diagrammas dessas sondagens, sobre cada uma das curvas das trez variaveis referidas ás mesmas profundidades, se observa, além de outras muitas particularidades, que para algumas dessas sondagens, as curvas das densidades *in situ* e das densidades normaes a 0° (que quasi se confundem a baixas temperaturas abisae), experimentam uma elevação perto

do fundo em vez de continuar regularmente até elle. Nesses lugares as aguas abisaeas estão mais carregadas de saes em dissolução.

Tendo em conta a calma das profundidades, não pode attribuir-se o facto sinão á permanencia das aguas sobre salgados em covas sem communição lateral com o liquido que as rodêa; e seu excesso de salinidade provém especialmente nas porções centraes dos oceanos, de emanações vulcanicas de vapores e de gazes misturados com a agua.

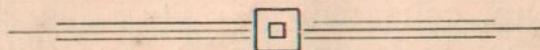
O augmento de densidade perto do fundo não é geral, e as localidades donde se a observa, estão particularmente agrupadas nas regiões conhecidas como vulcanicas no Atlantico norte, onde a proporção das densidades que excedem de 1,028 é de 84 0/0, e logo, por ordem de frequencia decrescente, o Pacifico sul com 37 0/0, o Atlantico sul com 24 0/0, o Oceano Indico com 13 0/0, e o Pacifico norte com 2 0/0. Esta estatistica se observou na róta do *Challenger*.

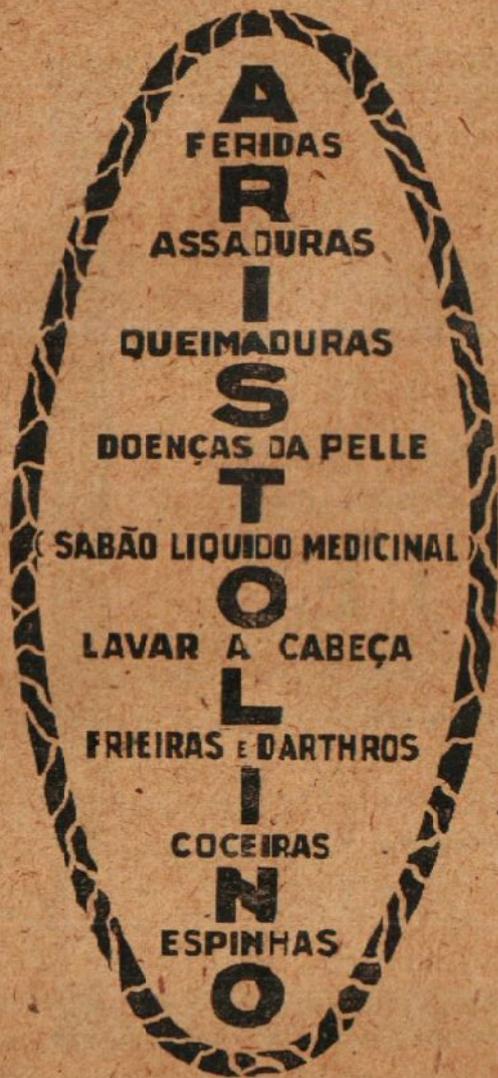
J. Tholet, em nota apresentada á Academia de Sciencias de Paris (sessão de 16 de Março), disse haver estudado especial-

mente, sob o ponto de vista topographico e microlitologico, a immensa cratera do fosso da Golondrina, nos Açores; e sob o ponto de vista das densidades, no Pacifico as paragens situadas no norte do archipelago de Harvai e de seu volcão Kilanea, assim como os vulcões menos activos de Taité.

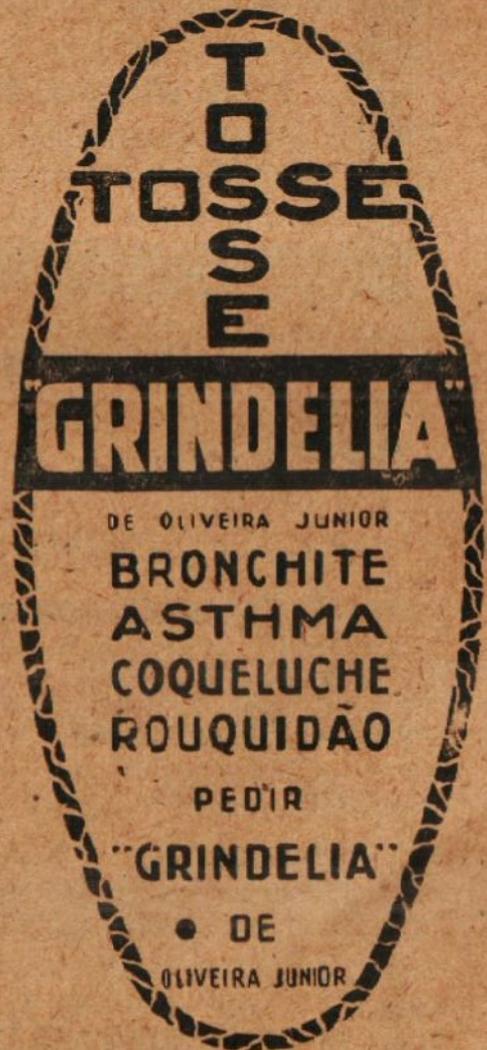
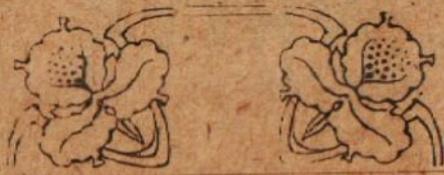
A proximidade, pois, de boccas vulcanicas abisaeas estaria, segundo este, assignlados pelos seguintes caracteres: Modelo topographico especial da região; presença mais ou menos abundante de areia vulcanica no fundo; e distribuição bastante regular das escorias, magna basaltica; silicatos ferruginosos, obsidiana, pedra pomes, etc; augmento da densidade do fundo e immediatamente por cima deste; importancia deste augmento e altura a que afecta.

Se é assim, e sem fallar de outros caracteres secundarios, taes como o incremento observado perto do fundo, da quantidade de anhidrido carbonico dissolvido, pode esperar-se, mediante sondagens densimetricas methodicamente dispostas e pelas analyses microlitologicos das areias, fixar o local de um volcão abisal, e quiçá até avaliar seu gráo de actividade.





**A**  
FERIDAS  
**R**  
ASSADURAS  
**I**  
QUEIMADURAS  
**S**  
DOENÇAS DA PELLE  
**T**  
SABÃO LIQUIDO MEDICINAL  
**O**  
LAVAR A CABEÇA  
**L**  
FRIEIRAS E DARTHROS  
**I**  
COCEIRAS  
**N**  
ESPINHAS  
**O**



**T**  
**O**  
**S**  
**S**  
**E**  
**GRINDELIA**  
DE OLIVEIRA JUNIOR  
BRONCHITE  
ASTHMA  
COQUELUCHE  
ROUQUIDÃO  
PEDIR  
"GRINDELIA"  
• DE  
OLIVEIRA JUNIOR

A ESCOLA



Em todas as escolas  
norte-americanas, os  
professores apresentam,  
como symboles da hy-  
giene infantil, a escova  
de dentes e o sabonete

## “COLGATE”

dá-vos o melhor crême dentifricio e os  
sabonetes mais perfumados  
e duraveis

1º de Março, 89 Agentes geraes Praça da Sé, 34  
Rio Leone & C. S. Paulo

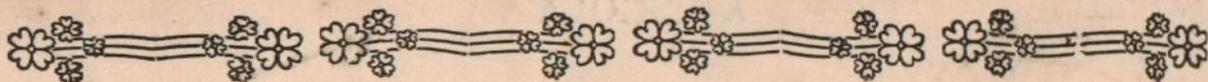
*Use...*

**S. S. WHITE**

*Clarea os dentes  
Refresca agradavelmente  
a bocca.  
Apreciada  
até pelos  
petizes*



PREPARADA PELA MAIOR FABRICA DE ARTIGOS DENTARIOS do MUNDO



## Informações e Avisos

---

O descobrimento do continente antártico — É muito geral a opinião de attribuir a J. C. Ross, o descobrimento do continente antártico, em 1841, data em que ficou assignalada a situação da Terra Victoria do Sul; porém, fazem alguns annos o dr. W. S. Bruce manifestou a opinião de que o verdadeiro descobrimento se realizou em 1820, quando E. Bransfield viu pela primeira vez a que se chama Terra da Trindade, que é uma parte da secção do continente antártico que hoje se conhece com o nome de Terra de Graham.

O tenente R. T. Gould publica na *Geographical Journal* de Março ultimo, um artigo em que apoia e evidencia a opinião do doutor Bruce. Se bem que haja desaparecido o diário nautico de navio *Williams*, que navegava Bransfield, existem, todavia, relações contemporaneas de sua viagem, e uma dellas, junto com cartas do proprio Bransfield, de que a principio não se havia feito caso e que as possui o

Almirantado, mostram claramente que em 1820 divisou a extremidade septentrional do continente, nas proximidades da montanha que tem actualmente seu nome.

O artigo do tenente Gould está acompanhado de um mappa, em que assignala os descobrimentos de Bransfield, e indica a róta provavel de sua viagem, já que não pode assignalar de modo exacto, pela falta do diário nautico do *Williams*.

**Descobertas archeologicas na America Central**— O Dr. S. G. Morley publicou no Anuario N. 23 da *Carnegie Institution*, de Washington, uma memoria sobre as investigações archeologicas que se estão fazendo em diversos pontos da America Central.

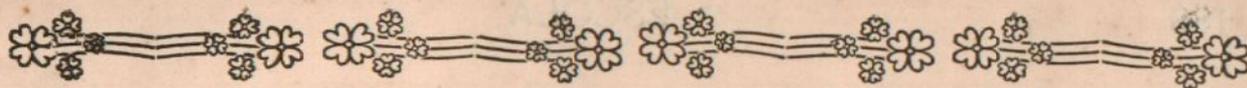
As excavações praticadas por E. H. Morris em Chichen Itza, no chamada «Pateo das mil columnas», fizeram descobrir

na columnata da parte N E, um edificio de 30 metros de comprimento por 15 de largura com a frente para o S. Trez de seus lados e parte do quatro se acham fechados por solidas paredes, havendo mais para sustentar a porção superior do edificio cinco filas de columnas, cuja altura é de dois metros e meio.

Mr. Kilmartin, nas investigações archeologicas que effectuou nesse lugar, descobriu certo numero de esculturas, que lançam muito luz sobre a technica dos Maya na arte escultural. As medidas do grande terraço construido neste lugar, dão uma superficie de mais de 190.000 met. quad.

Em Uxatan (Guatemala) se descobriu um edificio que parece ter sido o de um Observatorio solar.

**Associação dos Funcionarios do Ensino Profissional** — Fundou-se nesta capital a «Associação dos Funcionarios do Ensino Profissional», cujo principal objectivo é promover o desenvolvimento do ensino tecnico e pugnar pelos interesses de seus funcionarios, e que em sua ultima assembléa geral elegeu a seguinte directoria: presidente Sr. Euclides Godofredo Mendes Vianna; vicepresidente Sr. Jeronymo Baptista; 1º secretario Dr. Paulo Baptista Pereira; 2º secretario Sr. Luiz Palmeira; 1º thesoureiro Sr. Gustavo Leite Maia; 2º thesoureiro Sr. Waldemar de Barros; 1º bibliothecario Sr. Calixto Cordeiro; 2º bibliothecario Sr. Fabricio Cezar de Souza; procurador Dr. Orlando Carlos da Silva.



## BIBLIOGRAPHIA

**A Escola Normal**—Anno II—*Junho de 1924*—N. 15—Traz o presente numero trabalhos de Lindolpho Xavier, Barbosa Vianna, Oswaldo Orico, Carlos Porto Carreiro, Asterio de Campos, Joaquina Daltro, Rachel Berendy, Porto Carreiro Neto, Leoncio Correia, Francisco Antonio Dias Abreu, Jasper L. Harben, João Baptista de Mello e Souza, Angela Vargas Barboza Vianna, Faria Neves Sobrinho, Cosella Santos, Juracy Espindola Correia, Jeannette Didereau e Alberto de Oliveira.

**El Monitor de la Educacion Común**—*Ano 43*—*Tomo 93*—*Abril 30 de 1925*—N. 628—*Orgam del Consejo Nacional de Educacion*—Alem das secções editoriaes costumeiras o presente numero traz trabalhos de Balbina S. de Fernandez Etchegaray, F. Julio Picarel, Jorge Guasale Leguizaman, José A. Natale, Maria Eugenia de Elias, Ad. Ferrière, Arturo Costa Alvarez e José Gentile.

**Revista Maritima Brasileira**—*Anno XLV*—*Março*

*de 1925*—*Numero 9*—Constam do summario do presente numero, além de secções edictoriaes, trabalhos de Raul Tavares, Augusto Vinhaes, Romeu Mariz, Lucas A. Boiteux e Marechal R. Trompowsky.

**Departamento Nacional do Ensino**—**Discurso**—*proferido na solemne inauguração dos retratos dos exmos. srs. drs. Arthur da Silva Bernardes, presidente da Republica, Affonso Penna Junior, ministro da Justiça e Negocios do Interiores, e João Luiz Alves, ex-ministro da Justiça e Negocios Interiores, pelo Dr. José Bernardino Paranhos da Silva*—1925—Autoridade notoria em questões de ensino, com uma larga fé de officio a attestar-lhe a capacidade, o Dr. Paranhos da Silva, proficientemente appreciou em seu discurso a ultima reforma de ensino, salientando os seus mais notaveis pontos de vista e justificando preceitos nella existentes que teem provocado criticas e censuras.

**Revista do Instituto dos Docentes Militares**—N. 8—

# A ESCOLA

---

*Motivos de saude priva os nossos leitores, neste numero da "Escola", da brilhante collaboração com que honra esta revista a emminente professora D. Olympia do Coutto.*

---



# COMPANHIA MECHANICA E IMPOR- TADORA DE S. PAULO

Séde em S. Paulo — Rua 15 de Novembro n.º 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal 31

CAPITAL RS.: 10.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVAS RS.: 8.364:172\$529

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 63 — 1.º andar

End. Telegraphico "JAVASCO"

Caixa Postal 1534 — Phone N. 5374

**Grande Fabrica de Oleos — Rua S. Christovão, 650**

CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

Fornecedores dos Ministerios Federaes, Repartições Publicas  
e Estradas de Ferro.

Machina para lavoura, tur-  
binas e engenhos.

Grande laminação de ferro  
e aço.

Fundição de aço ferro e  
bronze.

Officinas mechanicas.

Fabrica de enxadas, macha-  
dos e picaretas.

Fabrica de parafusos, rebi-  
tes, porcas, etc.

Fabrica de pregos (pontas  
de Paris).

Fabrica de tubos de barro,  
material sanitario, telhas e  
tijolos.

Grande Serraria.

Trilhos, carvão, ferro, aço,  
material para estradas de  
ferro, cimento, tintas, ver-  
nizes, solda caustica, breu,  
folhas de flandres, tubos  
pretos e galvanizados, etc.

AGENTES EXPORTADORES DE

Aniagem, tecidos de juta, al-  
godão, e outros, saccoes  
para café, cacau, cereaes, etc.

Carnes congeladas e  
em conservas, couros, sebo,

Acidos, oleos, louça  
esmaltada.

**FILIAES:**

Rio de Janeiro, Santos, Londres, Nova-York e Genova

# A Equitativa dos Esta

SOCIEDADE DE SEGU

Séde Social : == Avenida Rio Branco, 125

Relação das apolices sorteadas em

76.º SORTEIO — 15

- 43.895—Ademar Gonçalves Neves — Parnahyba — Piahy.  
 139.376—Guilherme M. Keller Asseburg—Curityba—Paraná.  
 149.057—Salustiano de Moraes Leal—Belém—Pará.  
 1º 81.977—João Pereira Martins — S. Luiz — Maranhão.  
 85.493—Gabriel José Cavalcante — Fortaleza — Ceará.  
 142.222—D. Virgília de Albuquerque Toscano—Parahyba—Parahyba.  
 2º 101.857—Augusto Fernando Padilha—Rio Piahy — Amazonas.  
 144.978—Adolpho Pradel—Rio Grande — Rio Grande do Sul.  
 3º 146.823—Jeremias Sandoval e esposa — Victoria — E. Santo.  
 149.640—Antonio Fazio Sobrinho — Maceió — Alagôas.  
 83.505—Lourenço T. de Cerqueira Cavalcante—Quebrangulo—idem.  
 99.449—Pompilio Fernandes de Souza — Amargosa — Bahia.  
 110.368—João Pinto de Queiroz Sobrinho—Sto. Antonio de Jesus—Idem.  
 129.676—Luiz Antonio de Souza—P. de Itaperuna — Rio de Janeiro.  
 137.584—Terencio Gonçalves Porto — Cabo Frio — Idem.  
 128.748—Antonio Ferreira Barcellos — Petropolis — Idem.  
 125.350—Jader Camone de Araujo — Nictheroy — Idem.  
 133.966—Marcelino de Oliveira Santa Rosa—Recife — Pernambuco.  
 114.521—Pacifico Rodrigues da Luz — Petronilha — Idem.  
 132.552—Sebastião de Albuquerque Uchôa — Itambé — Idem.  
 127.546—José Marques de Almeida e esposa — Palmares — Idem.  
 134.626—Bellarmino Pessoa de Mello — Recife — Idem.  
 147.799—Alda Lima Portilho — S. Manoel — Minas Geraes.  
 136.114—Francisco de Avellar Lessa — Sete Lagôas— Idem.  
 132.401—José Martins Pacheco — Carangola — Idem.  
 4º 127.309—Henrique Cerqueira Pereira — Barbacena — Idem.  
 115.760—Antonio Linhares Guerra — Itabira M. Dentro—Idem.  
 139.390—José Vieira de Gouvêa — Manhumirim — Idem.  
 141.050—Alcides Carlos Cambraia — Tartaria — Idem.  
 139.762—Pedro Netto — Bello Horizonte — Idem.  
 121.177—Ruy Vivian — Pirapora — Idem.  
 137.094—João Duarte Sobrinho — Ubá — Idem.  
 105.574—Alvaro Gonçalves Gomes — Capital Federal.  
 121.912—Heitor Floriano Santoro — Idem.  
 145.961—Ivo Sodré Borges — Idem.  
 5º 97.559—João Silva — Idem.  
 110.948—Agostinho A. Lara Fortes — Idem.  
 6º 96.668—José Rainho da Silva Carneiro — Idem.  
 93.087—Frederico Alberto Lohner — Idem.  
 128.783—Leonidio Ribeiro Filho — Idem.  
 7º 146.030—José Eduardo Lucio — Idem.  
 145.737—João Rodrigues Leitão — Idem.  
 127.580—Guilherme Guinle — Idem.  
 124.900—Victor Manoel de Oliveira—Idem.

# dos Unidos do Brasil

ROS SOBRE A VIDA

Rio de Janeiro (Edifício de sua propriedade)

dinheiro, em vida do segurado

DE JULHO DE 1925

- 136.310—Amadeu Lemos Peixoto de Macedo — Capital Federal.  
 132.025—Manoel Ferreira Gonçalves — Idem.  
 143.695—Manoel Furtado de Mendonça — Idem.  
 8<sup>o</sup> 144.606—Gilberto Rodrigues Machado — São Paulo — São Paulo.  
 107.424—Luiz Lezian — São Carlos — Idem.  
 141.008—Joaquim Rainho — São Paulo — Idem.  
 144.296—José Marcondes Netto — Araçatuba — Idem.  
 113.426—Ugo Bernardini — São Paulo — Idem.  
 141.694—Candido de Souza Campos — Idem — Idem.  
 121.176—Leopoldo de Oliveira Figueiredo — Santos — Idem.  
 146.188—José de Lima Franco — Barretos — Idem.  
 128.536—Claro Cezar — Pindamonhangaba — Idem.  
 110.259—Joaquim Jorge Estevam — Guatá — Idem.  
 98.411—Isaac Pacheco — Sorocaba — Idem.  
 118.563—Attilio Favero — São Paulo — Idem.  
 124.881—Augusto Mathias Mello — Idem — Idem.  
 111.848—Joaquim Montenegro — Santos — Idem.  
 145.811—Sylvio de Campos Mello — Piratininga — Idem.

1.<sup>o</sup>—O Sr. João Pereira Martins teve esta mesma apolice sorteada em 15 de julho de 1918 e a de n. 85.978 de 15 de abril de 1916.

2.<sup>o</sup>—O Sr. Augusto Fernandes Padilha teve esta mesma apolice sorteada em 15 de abril do anno passado.

3.<sup>o</sup>—O Sr. Jeremias Sandoval e esposa tiveram a sua apolice numero 146.826 sorteada em 15 de abril findo.

4.<sup>o</sup>—O Sr. Henrique Cerqueira Pereira teve a sua apolice numero 127.312 sorteada em 15 de julho do anno passado.

5.<sup>o</sup>—O Sr. João Silva teve esta mesma apolice sorteada em 15 de janeiro de 1917.

6.<sup>o</sup>—O Sr. José Rainho da Silva Carneiro teve as suas apolices numeros 96.667 sorteada em 15 de abril de 1924 e 110.694 em 15 de abril ultimo.

7.<sup>o</sup>—O Sr. José Eduardo Lucio teve a sua apolice n. 146.029 sorteada em 15 de abril findo.

8.<sup>o</sup>—O Sr. Gilberto Roiz Machado teve a sua apolice n. 126.127 sorteada em 16 de abril de 1923.

**NOTA** — A Equitativa tem sorteado até esta data 2.367 apolices no valor de 10.915:369\$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor e com direito aos sorteios ulteriores.

A ESCOLA

**RUPTURITA** Patentes 9970

n. 11638

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO DE  
**ALVARO ALBERTO**

Lente de chimica e de explosivos da Escola Naval

**F. Venancio & Cia.** — Fabricantes

*Avenida Rio Branco, 29—1º andar Telephone N. 3974*

Endereço telegraphico — "Rupturita"

**RIO DE JANEIRO**

## **EMPREGUE**

suas economias em **um Lote de Terreno** comprada a longo prazo e terá as seguintes vantagens:

a possibilidade de construir sua casa;

um juro compensador representado pela valorização, sempre crescente, do terreno;

a economia mensal de uma determinada quantia (prestação) que redundará em seu proveito proprio.

## **Companhia Brasileira de Immoveis e Construções**

SOCIEDADE ANONYMA — CAPITAL 6.000.000\$000

Terrenos nos melhores bairros do Rio — Ipanema — Leblon —  
Muda da Tijuca — Andarahy — Jockey Club — C. do Porto, ect.

**48, AVENIDA RIO BRANCO**

## **Casa Guimarães Caipóra**

FUNDADA EM 1863

*Especialidade : cereaes em grão, fubás, farinhas de milho, cangica,  
cangiquinha, melado, azelle de dente e outros productos de Minas  
Bahia e outros Estados da União*

**RUA GONÇALVES DIAS, 12**

**RIO DE JANEIRO**

A ESCOLA

---

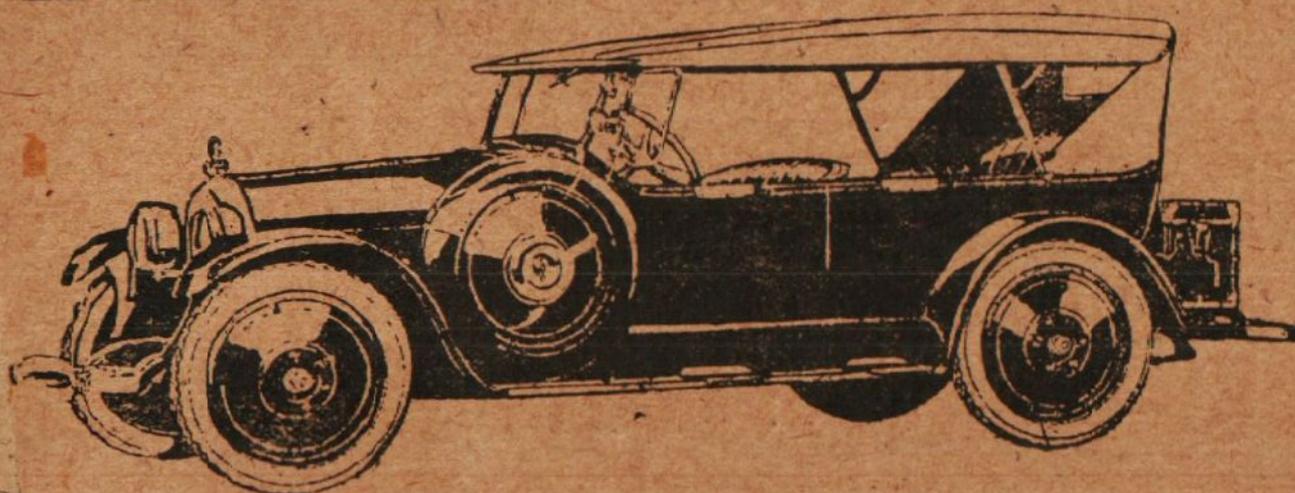
# **“NASH”** o carro ideal

---

Notavel pela sua belleza, força, commodidade,  
duração e economia

O carro NASH, é o que mais convem para o servio da praça,  
não só pelas suas qualidades, como pelas vantagens  
que oferece aos chauffeurs e particulares

Vendas a longo prazo



Os novos modelos dos carros NASH de 4 e 6 cylindros

# AUTO-GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINO, 1 a 7—(Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO

---

# Livraria Francisco Alves

RIO DE JANEIRO  
Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO  
Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE  
Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. — Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Cartilha Nacional . . . . .         | \$600  |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 1\$000 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 1\$000 |
| Quarto livro de leitura . . . . .   | 1\$000 |

## THOMAZ GALHARDO

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Cartilha da Infancia . . . . .      | \$600  |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 1\$500 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 2\$000 |

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Primeiro livro de leitura . . . . . | 2\$000 |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 2\$500 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 3\$000 |
| Quarto livro de leitura . . . . .   | 3\$500 |
| Quinto livro de leitura . . . . .   | 3\$500 |

## SERIE PUIGGARI BARRETO

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Cartilha Analytica . . . . .        | 1\$500 |
| Primeiro livro de leitura . . . . . | 2\$500 |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 3\$000 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 3\$000 |
| Quarto livro de leitura . . . . .   | 3\$500 |

## ARNALDO BARRETO

|                              |        |
|------------------------------|--------|
| Cartilha das mães . . . . .  | 1\$000 |
| Primeiras leituras . . . . . | 2\$000 |
| Leituras moraes . . . . .    | 2\$000 |

## FRANCISCO VIANNA

|                                       |        |
|---------------------------------------|--------|
| Primeiros passos na leitura . . . . . | 1\$500 |
| Cartilha . . . . .                    | 1\$800 |
| Letura preparatoria . . . . .         | 2\$000 |
| Primeiro livro de leitura . . . . .   | 2\$500 |
| Segundo livro de leitura . . . . .    | 3\$000 |
| Quarto livro de leitura . . . . .     | 4\$000 |

## JOÃO KOPKE

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Primeiro livro de leitura . . . . . | 2\$000 |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 2\$500 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 2\$500 |
| Quarto livro de leitura . . . . .   | 3\$500 |
| Quinto livro de leitura . . . . .   | 4\$000 |
| Leituras practicas . . . . .        | 3\$000 |
| Fabulas em verso . . . . .          | 1\$500 |

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

|                                        |        |
|----------------------------------------|--------|
| Leitura intermediaria . . . . .        | 2\$000 |
| Leitura para o segundo anno . . . . .  | 2\$500 |
| Leitura para o terceiro anno . . . . . | 2\$500 |
| Leitura para o quarto . . . . .        | 3\$000 |

## D. RITA DE BARRETO MACEDO

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Leituras preparatorias . . . . .    | 2\$000 |
| Primeiro livro de leitura . . . . . | 2\$000 |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 2\$500 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 2\$500 |
| Quarto livro de leitura . . . . .   | 3\$000 |

## ABILIO CESAR BORGES

|                                          |        |
|------------------------------------------|--------|
| Primeiro livro de leitura . . . . .      | \$600  |
| Novo primeiro livro de leitura . . . . . | 1\$000 |
| Segundo livro de leitura . . . . .       | 2\$500 |
| Terceiro livro de leitura . . . . .      | 2\$500 |

## SABINO E COSTA CUNHA

|                                       |        |
|---------------------------------------|--------|
| Expositor da lingua materna . . . . . | 1\$000 |
| Segundo livro . . . . .               | 1\$000 |
| Segundo livro . . . . .               | 1\$000 |

## FERREIRA DA ROSA

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Methodo de aprender a ler . . . . . | \$500  |
| Segundo livro de leitura . . . . .  | 1\$600 |
| Terceiro livro de leitura . . . . . | 2\$000 |
| Excursões escolares . . . . .       | 1\$000 |

## DR. MARIO BULCÃO

|                                        |        |
|----------------------------------------|--------|
| Vida infantil Primeiro livro . . . . . | 1\$500 |
| Vida infantil Segundo livro . . . . .  | 2\$000 |
| Vida infantil Terceiro livro . . . . . | 2\$000 |

## COLLECCÃO F. T. D.

|                                                |        |
|------------------------------------------------|--------|
| Quadros muraes, cada quadro . . . . .          | 1\$000 |
| Novos principios de leitura . . . . .          | 1\$000 |
| Guia infantil, primeira parte . . . . .        | 2\$000 |
| Guia infantil, segunda parte . . . . .         | 2\$000 |
| Guia infantil, as duas partes . . . . .        | 4\$500 |
| O primeiro livro de André 1ª parte . . . . .   | 2\$300 |
| O segundo livro de André 2ª parte . . . . .    | 2\$400 |
| Compendio de historia sagrada . . . . .        | 6\$000 |
| Noções de sciencia . . . . .                   | 2\$000 |
| Anthologia (Terceiro livro da coll.) . . . . . | 4\$000 |
| Anthologia (Quarto livro da coll.) . . . . .   | 6\$000 |
| E. DE AMICIS — Coração . . . . .               | 2\$000 |

## AFRANIO PEIXOTO

|                                                  |        |
|--------------------------------------------------|--------|
| Minha terra e minha gente . . . . .              | 2\$500 |
| BILAC e NETTO—Contos patrios . . . . .           | 3\$500 |
| "    "    Patria Brasileira . . . . .            | 3\$500 |
| "    "    Theatro infantil . . . . .             | 2\$500 |
| CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .          | 2\$000 |
| A. M. Pinto—Proverbios populares . . . . .       | 2\$000 |
| BILAC e BOMFIM — Leitura complementar . . . . .  | 4\$000 |
| ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar . . . . . | 3\$500 |

## TANCREDO AMARAL

|                              |        |
|------------------------------|--------|
| Livros das Escolas . . . . . | 3\$000 |
|------------------------------|--------|

## BARRETO E LAET

|                               |        |
|-------------------------------|--------|
| Anthologia Nacional . . . . . | 6\$000 |
|-------------------------------|--------|

## EUGENIO WERNECK

|                                 |        |
|---------------------------------|--------|
| Anthologia Brasileira . . . . . | 6\$000 |
|---------------------------------|--------|

## JOÃO RIBEIRO

|                                  |        |
|----------------------------------|--------|
| Autores Contemporaneos . . . . . | 3\$000 |
| Selecta classica . . . . .       | 4\$000 |

## DUQUE ESTRADA

|                                          |        |
|------------------------------------------|--------|
| Thesouro poetico . . . . .               | 3\$500 |
| B. P. R. — Leitura manuscripta . . . . . | 1\$500 |

## A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

|                                           |        |
|-------------------------------------------|--------|
| Educacao moral e civica . . . . .         | 2\$500 |
| OLAVO BILAC — Poesias infantis . . . . .  | 3\$500 |
| L. FERNAND — Livro das creanças . . . . . | 2\$000 |
| R. PUIGGARI — Album de gravuras . . . . . | 2\$000 |

## RAMON ROCA DORDAL

|                                                          |        |
|----------------------------------------------------------|--------|
| Paginas Civicas — Ensino medio. Livro primeiro . . . . . | 2\$000 |
| Livro segundo . . . . .                                  | 3\$000 |

# A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

N. 28

ANNO III

JULHO, 1925

## SUMMARIO

Arnaldo Barreto.. ..... *Redação* ..... 153

## NOTAS E COMMENTARIOS

Uma lição fóra da escola..... *George Sumner*..... 156

Serviço de Inspeção Medica

Escolar..... *Dr. Octavio Ayres*..... 159

Alguns termos técnicos..... *Dr. Pedro A. Pinto*..... 119

## ENSINO PRIMARIO

O genero e o numero..... *Maria Coutinho do Amorim* 166

Geographia..... *Ignacio do Amaral* ..... 169

Arithmetica..... *Mathilde Cirne Bruno*... 171

Lições de coisas..... *Annaçilda do Prado Seixas* 173

## LITTERATURA

O Rio e o Vento..... *Theophilo Dias* ... .. 175

INFORMAÇÕES E AVISOS — ATRAVÉZ DAS REVISTAS  
BIBLIOGRAPHIA—CORRESPONDENCIA

RIO DE JANEIRO

A ESCOLA

# A cura da Asthma

E suas terriveis **MANIFESTAÇÕES.** **INFALLIVEL** e  
**IMMEDIATA**

Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites, Catarrhos agudos e chronicos, Coqueluche, Cansaço, Chiados do Peito, Tosses Rebeldes Suffocações, etc.

## A Salvação dos Asthmaticos

### REMEDIO DO DOUTOR REYNGATE

A *Asthma*, segundo a opinião dos grandes Medicos Scientistas, é uma nevrose cujo tratamento se torna tem difficil.

A **Salvação dos Asthmaticos** ou o Remedio do DOUTOR REYNGATE é um MEDICAMENTO DE VALOR composto unicamente de vegetaes que vem preencher este vacuo que sentem as pessoas que soffrem de *Asthma* e suas terriveis manifestações. O seu valor therapeutico está no grande numero de Clinicos que attestam a sua efficacia e o grande numero de pessoas curadas cujos attestados são publicações diariamente.

A **Salvação dos Asthmaticos** do DOUTOR REYNGATE é um MEDICAMENTO DE GRANDE VALOR, que não se deve confundir com os demais existentes, que nada curam e só alliviam por alguns instantes as pessoas *Asthmaticas*.

O uso por espaço de tres mezes da SALVAÇÃO DOS ASTHMATICOS do DOUTOR REYNGATE **cura por completo**, a *Asthma*, apparecendo, logo ao começo do uso do *Remedio*, sensiveis melhoras.

O seu valor incontesavel está nas pessoas que delle têm feito uso e a'testam a sua efficacia e do grande numero de Medicos desta Capital e dos Estados que o receitam diariamente em sua clinica.

**Modo de usar:** *Adultos:* 30 gottas em agua assucarada pela manhã, ao meio-dia e á noite, ao deitar-se.

**Creanças:** 15 gottas, salvo as prescripções medicas.

Encontra-se nas principaes Pharmacias e Drogarias do Brasil.

**AVISO** — Preço de cada vidro 12\$000, pelo Correio 15\$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil mediante a remessa da importancia em carta com **valor declarado**

ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO - Caixa Postal N. 1724

RUA GENERAL CAMARA, 225 — sobrado  
RIO DE JANEIRO

## A ESCOLA



## EUGEINA WERNECK

Resultados prodigiosos nos resfriamentos e na gripe.

Allivio immediato nas *neuralgias*, dores de cabeça, dores nas costas e nas cadeiras.

**DOSE:** 2 comprimidos 3 vezes por dia

Na gripe evita que o doente vá á cama, debellando-a aos primeiros symptomas.



DO

**Dr. Eduardo França**

Cura eficaz de feridas antigas e recentes. DARTHROS, Frieiras, suor, fetido dos pés e da axilla e em injeções cura qualquer Gonorrhéa

Unicos depositarios

**Araujo Freitas & Cia.**

RUA DOS OURIVES, 88 — RIO

**Preço 3\$500**

## KOLATENO

O maior tonico da fadiga cerebral, da surmenage em geral

E' o KOLATENO a melhor preparação de kola fresca, malt e phosphato de sodio

**DOSES:** 2 a 4 colheres d'as de chá por dia, puras ou diluidas em meio calix d'agua

**PHARMACIA HOMOEOPATHICA**

Rua Barão de Mesquita, 375

ANDARAHY

**Consultas medicas gratis**

Aos alumnos soccorridos pelas caixas escolares, que tiverem sido assistidos por clinicos desta pharmacia, serão fornecidos medicamentos gratuitos; aos demais alumnos das escolas publicas serão fornecidos c/ 20 % de abatimento.



DEPOSITARIOS GERAES M. GONÇALVES & C.ª RUA MUNICIPAL 13 TEL. 1195

Limpa, lava e tingi. Único que não mancha — Depositarios Geraes  
**M. Gonçalves & Cia.** — Municipal 13 — Teleph N. 159

## A ESCOLA

### AO REI DOS MARES

Importadores de aparelhos para electricidade, agua, gaz, esgotos, folha de flandres, cobre, estanho, bacias e lavatorios de ferro esmaltado e de louça. Fogões, canos de ferro e de chumbo, lustres, lampeões, arandellas e mais artigos concernentes, e das legitimas lampadas «Economicas». Encarregam-se de

*installações electricas.*

*Installações sanitarias em estabelecimentos de ensino*

### MEDEIROS SARTORE & CIA.

Successores de MEDEIROS & BORGES

Rua Marechal Floriano, 23 e Theophilo Ottoni, 142

Telephone Norte 1096  
Rio de Janeiro



## AS CRIANÇAS DE PEITO

(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O

## VINHO BIOGENICO

DE GIFFONI

AUGMENTAM DE PESO E FIGAM BELLAS,  
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.

A VENDA NAS BÔAS PHARMACIAS E DROGARIAS  
DEPOSITO:

DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C<sup>IA</sup>  
RUA 1<sup>ª</sup> DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO

LIC. D. N. S. PUBLICA. N.º 469 DE 16-9-905 (MARCA REGISTRADA)

PÓ DE ARROZ

# LADY

É O MELHOR E NÃO É  
— O MAIS CARO —

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

RIO

## FARINHA PERY

Preparação especial de mandioca dextrinizada para alimentação das **creanças, convalescentes e pessoas fracas**

Recomendada por médicos notáveis, a «Farinha Pery» está sendo consumida nos principais sanatórios e hospitais do paiz



**ONDULAÇÃO DOS CABELLOS**  
Cabellos crespos com poucas aplicações do **CRESPODOL**  
São com segurança obtidos  
Vidro.... 10\$000 Pelo Correio.... 12\$000  
Na Perfumaria **À GARRAFA GRANDE**  
**66, RUA URUGUAYANA, 66**  
Perestrello Filho & Cia.

## VERMES INTESTINAES?

(OXYUROS)

### Expulsão radical

pelos comorimidos insipidos  
"Bayer" de

# BUTOLAN

Está comprovado a sua tolerancia absoluta e infallibilidade pelos Adultos e Creanças no Brasil e Extrangeiro

**Consulte seu medico**

A' venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias

